

# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

---

VOLUME I

1958

NÚMERO 2

EDIÇÃO

DA

CÂMARA MUNICIPAL

## Poveiros

Por D. ALBERTO BRAMÃO

Estes homens do mar, cheios de heroísmo, como os poveiros, nunca penso neles que me não lembre aquela figura épica que a deslumbrante fantasia de Vitor Hugo personalizou no protagonista de *Les travailleurs de la mer*.

A luta deles contra os elementos da natureza, suprindo pelo heroísmo a fragilidade da sua condição humana, recorda-me o combate de Gilliat contra o polvo monstruoso.

O mar, como esse horrível molusco, também possui astúcia e antenas estrangulantes. As suas águas, por vezes límpidas e polidas, espelham a serenidade azul do céu, mas de súbito, inesperadamente, surge a surpresa perversa, revolve-se-lhe o interior e aparece o monstro infernal dos temporais. É o polvo de Gilliat, surgindo súbitamente dos recôncavos da rocha tranquila.

Começa então a luta contra os braços agressivos da tempestade, as ondas que se enfurecem altaneiras, espumando rancores, o tufão que silva como serpente irada, enroscando-se aos mastros, esfrangalhando as velas, e por vezes a escuridão que pretende tornar-se mortalha fúnebre, acompanhada do requiem estrondoso dos trovões, e sinistramente alumiada de longe a longe pelo trágico zig-zague das faíscas que irradiam dos relâmpagos.

E é então que o homem do mar, o humilde pescador, atinge a sublimidade do seu esforço, resistindo ao inimigo colossal com toda a sua perícia de navegante, toda a sua coragem bem equilibrada, toda a sua arte heróica de dominar o perigo, para o qual havia partido com a abnegada decisão do domador de feras, que ao entrar na jaula tem a convicção de que, mais dia menos dia, lá deixará a vida.

São assim os homens do mar, os pescadores da nossa costa brava; são assim os poveiros.

E à epopeia da sua perigosíssima faina constante, ainda acrescentam um capítulo da mais nobre benemerência, o de arriscarem a própria vida sempre que é preciso arrancar alguma outra vida à goela do oceano.

O célebre Maio, que constelou a sua existência com o salvamento de muitas vidas, sempre com grave risco da sua, é uma figura que ficou para os poveiros como o símbolo do heroísmo humanitário que os eleva ao mais alto fastígio moral. Honrar estes pescadores do mar bravo é prestar culto às mais nobres virtudes da alma humana.

*Últimas Recordações*  
(Lisboa, 1945)